

Índice

Parte I	9
Parte II	41
Parte III	75
Parte IV	107
Parte V	139
Parte VI	171
Parte VII	211
Notas	231

Parte I

1

Desde a partida de Atlanta que olhava pela janela da carruagem-restaurante com um deleite quase físico. Sentada à mesa do pequeno-almoço, bebia o café enquanto via desaparecer as elevações da Georgia e aparecer a terra vermelha e, com ela, as casas de telhado de zinco plantadas nos pátios de terra varrida, onde crescia a inevitável verbena dentro dos pneus caiados. Esboçou um sorriso largo quando avistou a primeira antena de televisão erguida no topo de uma casa de negros, sem pintura, e a sua alegria aumentou ao verificar que se multiplicavam.

Jean Louise Finch costumava fazer aquela viagem de avião, mas na quinta deslocação anual para casa decidiu ir de comboio de Nova Iorque até ao ramal de Maycomb. Por um lado, apanhara um susto de morte da última vez que andara de avião, pois o piloto decidira voar pelo meio de um tornado. Por outro lado, ir de avião significava que o pai tinha de se levantar às três da manhã e conduzir cento e cinquenta quilómetros para a ir buscar a Mobile, ao que se seguia um dia normal de trabalho. Ele tinha setenta e dois anos e já não era justo obrigá-lo a tal.

Optou por ir de comboio. Os comboios haviam mudado desde a sua infância, e a novidade da experiência divertia-a: qual génio anafado, um bagageiro materializou-se quando ela carregou num botão na parede; com uma ordem sua, uma bacia de aço inoxidável destacou-se de outra parede, e havia uma sanita onde se podia apoiar os pés. Decidiu não se deixar intimidar pelos vários avisos impressos em redor do compartimento — designado por *roomette* —, mas,

quando se fora deitar na noite anterior, conseguira ficar entalada contra a parede porque ignorara a indicação de PUXAR ESTA ALAVANCA SOBRE OS SUPORTES, situação remediada pelo funcionário para seu embarço, pois tinha o hábito de dormir apenas com a parte de cima do pijama.

Felizmente, o homem patrulhava o corredor quando aquela armadilha se fechara com ela lá dentro. «Eu tiro-a daí, Miss», disse, em resposta às pancadas que se ouviam lá de dentro. «Não, por favor», respondera ela. «Diga-me só como faço para sair.» «Consigo fazê-lo de costas voltadas», afiançara o homem e assim fora.

Quando acordou na manhã seguinte, o comboio serpenteava, ruidoso, pelos ramais de Atlanta, mas, obedecendo a outro aviso na carruagem, deixou-se ficar na cama até ver passar o sinal de College Park. Vestiu-se, envergando as roupas de Maycomb: calças cinzentas, uma blusa preta sem mangas, meias brancas e mocassins. Embora ainda faltassem quatro horas para chegar, conseguia ouvir o fungar de reprovação da tia.

Bebia a sua quarta chávena de café quando o Crescent Limited grasnou, qual ganso gigante, ao seu homólogo que corria para norte e ribombou através do Chattahoochee à entrada do Alabama.

O Chattahoochee é um rio largo, raso e lamacento, com pouca água naquele dia. Um banco de areia amarelado reduzia-lhe a corrente a um fio de água. Talvez cante no inverno, pensou. Não me lembro de um único verso desse poema. Tocando flauta pelos vales, bravio?¹ Não. Foi escrito para uma ave aquática ou para uma quedas-d'água?²

Reprimiu firmemente a sua tendência para uma certa turbulência ao refletir que o poeta Sidney Lanier devia ter sido um tanto parecido com o seu primo Joshua Singleton St. Clair, há muito desaparecido, e cujos temas literários se estendiam do Black Belt³ até Bayou La Batre⁴. A tia de Jean Louise costumava lembrar-lhe de que o primo Joshua era um exemplo familiar que não se devia desaprovar com ligeireza: fora um homem com uma figura esplêndida, um poeta, desaparecido no auge da vida, e era bom que Jean Louise se recordasse de que era um motivo de orgulho para a família. As suas fotografias não envergonhavam os seus: fazia lembrar o descabelado poeta e dramaturgo inglês Algernon Swinburne.

Jean Louise sorriu para si própria ao lembrar-se do pai a contar-lhe o resto da história. O primo Joshua desaparecera certamente, não pela mão de Deus mas pelas hostes de César.

Ao frequentar a universidade, o primo Joshua estudava demasia-do e pensava de mais; na verdade, imaginava-se como uma personagem literária saída diretamente do século XIX. Envergava uma capa escocesa e usava botas militares que mandara fazer a um ferreiro, desenhadas por si próprio. Sentia-se frustrado com as autoridades quando disparou sobre o presidente da universidade, o qual, na sua opinião, não passava de um especialista em tratamento de esgotos. Isso era certamente verdade, mas tratava-se apenas de uma desculpa frívola para atacar alguém com uma arma mortal. Depois de certas quantias terem mudado várias vezes de mão, o primo Joshua foi levado e internado numa instituição estatal para os inimputáveis, onde permaneceu pelo resto dos seus dias. Constou que se mostrava razoável em todas as questões até alguém mencionar o nome do presidente, momento em que o seu rosto se contorcia e ele assumia a posição de um grou-americano, a qual mantinha por oito ou mais horas. Nada nem ninguém conseguia levá-lo a baixar a perna até ele se ter esquecido do homem. Nos dias límpidos, lia em grego e deixou um fino volume de versos, impressos em privado por uma firma de Tuscaloosa. A poesia era tão avançada em relação ao seu tempo que ainda ninguém a entendera, mas a tia de Jean Louise exibia-a casualmente em grande destaque numa mesa da sala.

Jean Louise riu-se em voz alta e depois olhou em volta a ver se alguém a ouvira. O pai tinha uma forma especial de minar os sermões da irmã sobre a superioridade inata de qualquer Finch. Contava sempre à filha o resto da história, calmamente e com toda a solemnidade, mas ela pensava ter detetado por vezes um brilho claramente profano no olhar de Atticus Finch, ou seria apenas a luz a refletir-se nas suas lentes? Nunca teve a certeza.

Os campos e o comboio haviam abrandado para um rolar suave, e, da sua janela até ao horizonte, Jean Louise nada mais avistava para além de pastagens e vacas pretas. Interrogou-se por que motivo nunca considerara bonito o seu país.

Em Montgomery, a estação aninhava-se numa curva do rio Alabama, e, ao sair do comboio para esticar as pernas, o regresso do que

lhe era familiar, com a sua monotonia, a luz e os odores curiosos, veio ao seu encontro. Falta alguma coisa, pensou. Os rolamentos aquecidos, é isso. Havia um homem que passava com uma alavanca e se enfiava debaixo do comboio. Ouvia-se um estrépito seguido de um silvo, e erguia-se um fumo branco que nos fazia pensar que nos encontrávamos no interior de um rescaldeiro. Agora estas coisas funcionam a óleo.

Sem razão aparente, invadiu-a um medo antigo. Havia vinte anos que não voltava àquela estação, mas quando era criança e fora à capital com Atticus sentira-se aterrorizada, não fosse o comboio, que balançava, precipitar-se pela margem do rio e afogá-los a todos. Quando, porém, voltou a embarcar, rumo a casa, esqueceu-se disso.

O comboio sacolejava através de pinhais e apitou, zombeteiro, a uma peça de museu em forma de campânula, pintada de cores vivas estacionada numa clareira. Ostentava o letreiro de uma empresa madeireira, e o Crescent Limited podia tê-la engolido inteira e ainda lhe sobrava espaço. Greenville, Evergreen, ramal de Maycomb.

Dissera ao revisor para não se esquecer de a deixar sair e, porque ele era já velhote, Jean Louise contava com uma brincadeira: iria entrar no ramal de Maycomb como se fosse perseguido por demônios e parava o comboio quatrocentos metros para lá da pequena estação. Depois, quando se despedisse dela, iria dizer-lhe como lamentava, que quase se esquecera. Os comboios mudavam, os revisores não. Brincar com as jovens em paragens a pedido era uma marca da profissão, e Atticus, que conseguia prever as ações de todos os revisores de Nova Orleães até Cincinnatti, esperá-la-ia, consequentemente, a menos de seis passos do local onde iria desembarcar.

O seu lar era o condado de Maycomb, uma divisão arbitrária com cerca de cem quilómetros de comprimento e menos de cinquenta no seu ponto mais largo, uma terra bravia semeada de lugarejos, sendo Maycomb, a sede do condado, o maior. Em termos históricos, o condado de Maycomb mantivera-se, até uma altura comparativamente recente, tão isolado do resto da nação que alguns dos seus cidadãos, desconhecendo as predileções políticas do Sul nos últimos noventa anos, continuavam a votar nos republicanos. Os comboios não passavam por lá — o ramal de Maycomb, uma designação de cortesia, localizava-se no condado de Abbott, a uma distância de

trinta quilómetros. O serviço de autocarros era inconstante e parecia não ter nenhum destino específico. Todavia, o governo federal impusera a construção de uma ou duas autoestradas pelo meio dos pântanos, dando assim aos cidadãos a oportunidade de partir de livre vontade. Pouca gente, porém, aproveitava essas estradas. Por que motivo o haveriam de fazer? Para quem não queria muito, o que existia era bastante.

O condado e a cidade haviam recebido o nome de um certo coronel Mason Maycomb, um homem cuja autoconfiança inapropriada e excessiva obstinação tinham dado origem à perplexidade e à consternação de todos os que com ele cavalgaram nas guerras contra os índios Creek. O território em que operava era vagamente montanhoso a norte e plano a sul, nos limites da planície costeira. O coronel Maycomb, certo de que os índios odiavam lutar em terras planas, esquadrinhava o território até ao seu limite norte em busca deles. Quando o seu general descobriu que Maycomb vagueava pelos montes enquanto os Creeks se escondiam nas matas de pinheiros do sul, enviou um batedor índio amigável ao coronel com a seguinte mensagem: «Avance para sul, c'os diabos.» Maycomb, convencido de que se tratava de um ardil dos Creeks para o apanhar (então não havia um demónio de olhos azuis e cabelos ruivos a comandá-los?), aprisionou o batedor índio e deslocou-se ainda mais para norte, até as suas forças se perderem sem remédio nas antigas florestas, onde permaneceram até ao fim das guerras, em total desnorte.

Depois de terem passado os anos suficientes para o convencer de que talvez a mensagem tivesse sido verdadeira, o coronel deu início a uma marcha resoluta para sul. Durante o trajeto, as suas tropas encontraram colonos que se deslocavam para o interior e que lhes disseram que as guerras contra os índios tinham terminado. As tropas e os colonos mostraram-se suficientemente amigáveis e transformaram-se nos antepassados de Jean Louise Finch. O coronel Maycomb continuou a avançar até ao que é presentemente Mobile, a fim de se certificar de que as suas façanhas recebiam o crédito que lhes era devido. A versão que ficou para a história não coincide com a verdade, mas são estes os factos, uma vez que foram passando de boca em boca ao longo dos anos, e todos os filhos de Maycomb os conhecem.

— ... vá buscar as suas malas, Miss — disse o bagageiro. Jean Louise seguiu-o da carrogem-restaurante até ao seu compartimento, onde tirou dois dólares da carteira: um que já era habitual e outro por a ter libertado na noite anterior. Como era esperado, o comboio passou pela estação como se fosse perseguido por demónios e acabou por parar cerca de cento e oitenta metros mais à frente. O revisor apareceu a sorrir e disse que lamentava, que quase se esquecera. Jean Louise devolveu-lhe o sorriso e esperou, impaciente, que o bagageiro montasse o degrau amarelo. Ele ajudou-a a descer, e ela deu-lhe as duas notas.

O pai não estava à sua espera.

Olhou ao longo da linha para a estação e viu um homem alto, de pé, na pequena plataforma, que saltou para baixo e correu ao seu encontro.

Ele deu-lhe um abraço apertado, afastou-a um pouco, beijou-a com força na boca e depois com mais ternura. — Aqui não, Hank — murmurou ela, muito agradada.

— Cala-te, miúda — retrorquiviu ele, segurando-lhe o rosto. — Até te beijo nos degraus do tribunal se me apetecer.

O dono do direito a beijá-la nos degraus do tribunal chamava-se Henry Clinton, um seu amigo de longa data e companheiro do irmão, que, se continuasse a beijá-la assim, se transformaria em seu marido. Ama quem quiseres, mas casa-te com os teus era, para ela, uma máxima quase intuitiva. Henry Clinton pertencia aos seus e, naquele momento, a máxima não lhe parecia particularmente dura.

Caminharam de braço dado pela linha para ir buscar a mala. — Como está o Atticus? — perguntou ela.

— Hoje as mãos e os ombros estão a fazê-lo passar um mau bocado.

— Não pode guiar quando está assim, pois não?

Henry dobrou os dedos da mão direita até meio e disse: — Não consegue fechá-los mais do que isto. Miss Alexandra tem de lhe apertar os sapatos e abotoar-lhe a camisa quando está assim. Nem sequer consegue segurar a lâmina de barbear.

Jean Louise abanou a cabeça. Era demasiado velha para se insurgir contra tal iniquidade, mas demasiado nova para aceitar a doença incapacitante do pai sem protesto. — Não há nada que eles possam fazer?

— Sabes bem que não — respondeu Henry. — Ele toma quatro mil e quinhentos miligramas de aspirina por dia e nada mais.

Henry pegou na mala pesada, e dirigiram-se ao carro. Jean Louise pensou como reagiria quando chegasse a sua vez de ter dores quase todos os dias. Certamente não seria como Atticus: se lhe perguntassem como estava, ele daria uma resposta, mas nunca se queixava. O seu temperamento não mudara e, assim, para saber como se sentia, era necessário perguntar-lhe.

Henry só o descobriu por acaso. Um dia, estavam eles no cofre dos registos do tribunal, em busca de uma certidão predial, quando Atticus puxou de um pesado livro de hipotecas, ficou branco como a cal e o deixou cair. «Que se passa?», perguntara Henry. «Artrite reumatoide. Podes pegar-lhe tu?», esclareceu Atticus. Henry perguntou-lhe há quanto tempo sofria da doença, e Atticus respondeu seis meses. Jean Louise sabia? Não. Então, era melhor contar-lhe. «Se o fizeres, ela vem para cá tentar cuidar de mim. O único remédio é não nos deixarmos vencer.» E o assunto ficou encerrado.

— Queres guiar? — perguntou Henry.

— Não sejas tolo — retorquiu ela. Embora fosse uma condutora razoável, odiava manipular objetos mecânicos mais complicados que um alfinete de segurança: dobrar cadeiras de jardim era uma fonte de profunda irritação; nunca aprendera a andar de bicicleta nem a escrever à máquina e pescava com uma vara. O seu desporto favorito era o golfe porque o princípio essencial se limitava a um pau, uma bola pequena e um estado de espírito.

Roído de inveja, observou a facilidade com que ele dominava o automóvel. *Os carros são escravos dele*, pensou. — Direção assistida? Transmissão automática? — quis saber.

— Podes crer — disse ele.

— Bem, e se tudo isso se avariar e não tiveres mudanças para meter? Seria um sarilho, não é?

— Mas nada se vai avariar.

— Como é que sabes?

— Chama-se fé. Anda cá.

Fé na General Motors. Pousou a cabeça no ombro dele.

— Hank — acabou por dizer —, o que é que aconteceu na verdade?